



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS – INGLÊS**

VITÓRIA DE FÁTIMA QUIRINO

RELAÇÕES PORNOGRÁFICAS EM UM CONTO DE IAN McEWAN

**GUARABIRA
2017**

VITÓRIA DE FÁTIMA QUIRINO

RELAÇÕES PORNOGRÁFICAS EM UM CONTO DE IAN McEWAN

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura Inglesa.

Orientador: Prof. Ms. Caio Antônio Nóbrega.

GUARABIRA

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

Q0r Quirino, Vitoria de Fatima.
Relações pomográficas em um conto de Ian MCEwan
[manuscrito] : / Vitoria de Fatima Quirino. - 2017.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Caio Antônio Nóbrega ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Pomografia. 2. Erotismo. 3. Ian McEwan .

21. ed. CDD B869.9

VITÓRIA DE FÁTIMA QUIRINO

RELAÇÕES PORNOGRÁFICAS EM UM CONTO DE IAN McEWAN

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura Inglesa.

Aprovada em: 06 / 12 / 2017.

BANCA EXAMINADORA

Caio Antônio Nóbrega

Prof. Ms. Caio Antônio Nóbrega (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Clara M. de A. Vasconcelos

Prof. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pois ele é a base de todos os meus sonhos; sem ele, nada sou.

A minha avó materna Francisca – Dona Nita – (*in memoriam*), com quem tantas vezes sonhamos juntas em um dia eu ingressar na Universidade, e ela poder me ver formada, mas que antes de ingressar na Universidade, Deus a levou para morar com ele; sei, porém, que onde quer que ela esteja, está feliz e orgulhosa por eu ter conseguido trilhar esse caminho e concluído o curso.

A minha mãe Maria Cilene, de forma especial, uma mulher batalhadora e guerreira que me incentivou e incentiva diariamente para que eu não desista, mesmo nos momentos mais difíceis, e que não mede esforços para me ajudar sempre; enfim, minha maior referência.

A minha irmã Mariana Quirino, por aguentar minhas chatices, mas que sempre está ao meu lado, e a todos da minha família que de alguma maneira contribuíram na minha formação acadêmica.

Ao professor Caio Antônio Nóbrega, por ter aceitado ser meu orientador e por estar sempre presente durante o período de orientação, dando todo o suporte e incentivo para a conclusão deste trabalho.

Aos professores Auricélio Soares e Clara Vasconcelos, por terem aceitado participar da banca examinadora e por todas as contribuições a este trabalho.

A todos os professores do curso de Letras – Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, especialmente à professora Rosy, que sempre nos motivou para que nunca desistíssemos do curso, mesmo diante de dificuldades, e ao professor Fábio Barbosa, por ser um paizão para nossa turma.

Às colegas de classe, com quem convivi durante esses quatro anos, e especialmente a minha amiga Gorete, por termos construído uma bela amizade durante este tempo, e por ser alguém que sempre está ao meu lado, nos bons e maus momentos.

A todos, enfim, que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação, meu muito obrigada.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	IAN McEWAN: ENTRE OS MISTÉRIOS DO MACABRO.....	08
3	SOBRE O PORNOGRÁFICO E O ERÓTICO.....	12
4	RELAÇÕES PORNOGRÁFICAS EM “PORNOGRAFIA”.....	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
	REFERÊNCIAS	22

RELAÇÕES PORNOGRÁFICAS EM UM CONTO DE IAN McEWAN

Vitória de Fátima Quirino*

RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir as relações pornográficas no conto “Pornografia”, do escritor inglês contemporâneo Ian McEwan. Nesta narrativa, percebemos que a noção tradicional de pornografia (ideia proveniente da indústria pornográfica), embora presente, torna-se um aspecto secundário, frente o desenvolvimento de relações que metaforicamente entendemos como pornográficas – relações estas que se desenvolvem entre os personagens O’Byrne, Harold, Pauline e Lucy. Nesse sentido, foi apropriado desenvolver um paralelo entre os conceitos de pornografia e erotismo, a fim de analisarmos as interações entre os personagens, ou seja, as formas como eles se tratam e como se relacionam uns com os outros. Percebemos, pois, que suas relações são de caráter pornográfico, por serem guiadas por uma total falta de preocupação para com o outro – em outras palavras, por uma falta de empatia e de um sentimento de alteridade. Alguns autores tiveram fundamental importância no desenvolvimento deste trabalho, a exemplo de Maingueneau (2010), Lorde (2015), Nobre (2013), entre outros.

Palavras-Chave: Pornografia. Erotismo. Ian McEwan.

1 INTRODUÇÃO

O escritor britânico Ian McEwan, um dos nomes mais renomados da atualidade na literatura, reconhecido no início de sua carreira pela alcunha “Ian Macabro”, recebida devido as características marcantes e macabras de suas primeiras obras, é o autor do conto “Pornografia”, que será objeto de nossa análise neste artigo monográfico. Receptor de importantes prêmios literários, entre eles o Booker Prize, McEwan publicou seu primeiro livro em 1975, a coletânea de contos *First love, last rites* [Primeiro amor & Último Sacramento], e o segundo em 1978, a coletânea de contos *In Between the Sheets* [Entre Lençóis]. No Brasil, a editora Rocco, em 1998, reuniu estes dois livros, publicando-os em uma única edição, intitulada *Primeiro Amor, Último Sacramento & Entre Lençóis* (edição por nós utilizada para a escrita deste trabalho), que reúne os primeiros contos escritos e publicados pelo autor inglês.

* Aluna de Graduação em Letras – Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. Sob orientação do Prof. Me. Caio Antônio Nóbrega.
E-mail: vit_quirino@hotmail.com

Em geral, podemos encontrar em seus contos várias características que confirmam o título de macabro recebido por McEwan. Elementos de sadomasoquismo, morte, sexualidades desviantes, perversões, entre outros, fazem-se presentes em quase todas essas narrativas, incluindo o conto “Pornografia”, alvo de nossa análise.

O conto “Pornografia” narra a história de O’Byrne, que trabalha com seu irmão Harold em uma loja de produtos pornográficos, e que se envolve com duas mulheres, Pauline e Lucy. Estas são duas mulheres de personalidades distintas: uma doce e recatada, enquanto a outra se mostra como possessiva e dominadora. No conto, percebemos que O’Byrne se relaciona com ambas as mulheres ao mesmo tempo, sem que uma saiba da existência da outra, chegando a infectá-las com gonorreia, uma doença sexualmente transmissível. No desfecho da narrativa de McEwan, acompanhamos a cena em que Lucy e Pauline resolvem se vingar, promovendo uma cirurgia de castração no personagem O’Byrne.

Diante do exposto, objetivamos discutir as relações pornográficas no conto “Pornografia”, pois percebemos que a noção tradicional de pornografia (ideia proveniente da indústria pornográfica), embora presente torna-se um aspecto secundário, frente o desenvolvimento de relações que metaforicamente entendemos como pornográficas – relações estas que se desenvolvem entre os personagens O’Byrne, Harold, Pauline e Lucy. Nesse sentido, percebemos como apropriado desenvolver um paralelo entre os conceitos de pornografia e erotismo, a fim de analisarmos as interações entre os personagens, ou seja, as formas como eles se tratam e como se relacionam uns com os outros. Percebemos, pois, que suas relações são de caráter pornográfico, por serem guiadas por uma falta de preocupação para com o outro – em outras palavras, por uma falta de empatia e de um sentimento de alteridade.

Para a sustentação do nosso trabalho, acionaremos algumas discussões, teórico-críticas de autores como Nobre (2013), Perrone-Móises (2016), Maingueneau (2010), Lorde, entre outros.

O trabalho encontra-se dividido em três seções: em um primeiro momento, apresentaremos alguns dados biográficos do escritor Ian McEwan e algumas das mais marcantes características de sua escrita ficcional; logo após, apresentaremos nosso entendimento sobre o pornográfico e o erótico; por fim, na terceira e última seção, analisaremos as relações entre os personagens do conto “Pornografia”.

2 IAN McEWAN: ENTRE OS MISTÉRIOS DO MACABRO

Ian Russel McEwan nasceu no dia 21 de junho de 1948 em Aldershot, uma cidade militar no sul da Inglaterra. Ele é filho de Rose Lilian McEwan e de David McEwan. Ian McEwan passou parte de sua infância em lugares no exterior, como a Alemanha, Líbia e Singapura, já que seu pai era um oficial do Exército Britânico, sendo muitas vezes transferido para esses lugares, precisando Ian McEwan acompanhá-lo em seus destacamentos.

Aos onze anos, atingiu sua idade escolar, quando foi enviado para o colégio interno Woolverstone Hall, em Suffolk. Posteriormente, estudou na Universidade de Sussex, na qual se graduou em francês e inglês. Neste período, revelaram-se seus desejos literários, tendo ele começado a escrever seus primeiros contos por volta de 1967. Entre o período de 1971 e 1972, ele cursou o mestrado em literatura comparada na Universidade de East Anglia, onde também frequentou um curso de escrita criativa lecionado pelos romancistas Malcolm Bradbury e Angus Wilson. Após East Anglia, e após uma experiência vivenciada por ele através de uma viagem de ônibus pela “trilha hippie” até o Afeganistão em 1972, McEwan começou a construir sua carreira literária, tornando-se contista, roteirista e também romancista, chegando ao posto de um dos grandes nomes da ficção britânica e mundial.

Publicou seu primeiro livro em 1975, *First love, last rites*, e, em 1978, publicou *In Between the Sheets*. Além destas duas coletâneas de contos, McEwan escreveu ainda algumas outras narrativas curtas, ainda não coletadas, a exemplo de: “Intersection” (1975), “Untitled” (1975), “Deep Sleep, Light Sleeper” (1977) e “My Purple Scented Novel” (2016). O escritor já publicou também quatorze romances: *The Cement Garden* (1978), *The Comfort of Strangers* (1981), *The Child in Time* (1987), *The Innocent* (1990), *Black Dogs* (1992), *Enduring Love* (1997), *Amsterdam* (1998), *Atonement* (2001), *Saturday* (2005), *On Chesil Beach* (2007), *Solar* (2010), *Sweet Tooth* (2012), *The Children Act* (2014), e *Nutshell* (2016). É autor também de dois livros de literatura infantil: *Rose Blanche* (1985) e *The Daydreamer* (1995).

McEwan é um dos ficcionistas mais importantes de sua geração, sendo indicado diversas vezes para receber prêmios literários ao longo de sua carreira, entre eles o Booker Prize, (o mais prestigiado prêmio literário britânico) e o Whitbread Award. Foi também responsável pela criação e adaptação de textos para o cinema e televisão. Através de suas obras recebeu os seguintes prêmios internacionais: Prix Fémina Etranger, da França, em 1983; Shakespeare Prize, da Alemanha, em 1999; National Book Critics’ Circle Fiction Award, dos Estados Unidos, em 2003; e Jerusalem Prize, de Israel, em 2011. Diante de tantas obras

publicadas e reconhecidas mundialmente, McEwan é um dos escritores mais relevantes da contemporaneidade.

No início de sua carreira, Ian McEwan ganhou a alcunha de “Ian Macabro”, devido à natureza de seus primeiros escritos, muitos deles com características grotescas, irônicas, perversas e com fortes elementos de sexualidades desviantes. Além de tais características estarem presentes em seus contos, podemos percebê-las também em seus primeiros romances. Quando publicou, por exemplo, *The Cement Garden* e *The Comfort of Strangers*, McEwan causou em seus leitores sensações de estranhamento e choque, devido às características marcantes de suas obras.

Em uma entrevista a Cook, Groes e Sage (2013, p. 151), McEwan falou sobre este título recebido: “eu dificilmente poderia reclamar do Ian Macabro. Nunca consigo satisfatoriamente explicar de onde vieram os contos e os dois primeiros romances. No final das contas, eles me levaram a uma perda de fé na ficção, a um impasse no início dos anos de 1980”.

O título recebido, Ian Macabro, é decorrência das fortes características que ele carrega em seus primeiros escritos. As obras de McEwan abordam temas polêmicos, como, por exemplo, adultério, obsessão sexual, violência masculina, além de tantos outros temas polêmicos, que causam aos leitores certo estranhamento. Lucia Nobre (2013, p. 18), nesse sentido, afirma que:

Sua reputação e fama devem-se à maestria com que lida com temas controversos, porém tão atuais e, sobretudo, tão humanos: as perdas, as obsessões psicológicas, o fervor religioso, a eutanásia, as excentricidades relacionais, o erotismo cínico, a felicidade num mundo ameaçado por políticas anódinas, guerras programadas, desastres iminentes e incertezas teleológicas. Temas que exploram os ocultos recônditos da alma, ou as zonas de desconforto do comportamento humano, ou os conflitos do ser diante das contingências da vida, florescem e abundam na obra de McEwan, despertando reflexões, posicionamentos, inquietudes, repulsas e paixões.

Talvez o maior sucesso literário e editorial de Ian McEwan até hoje tenha sido seu romance *Atonement*, de 2001, traduzido no Brasil como *Reparação*. Tal narrativa foi um grande êxito não somente nos países de língua inglesa, mas também no resto do mundo, sendo bem recepcionada por parte de vários críticos literários e tendo sido adaptada para o cinema com o título *Desejo e reparação* (recebendo a indicação para o Oscar de melhor filme em 2007). Para Leyla Perrone-Moisés (2016, p. 181), *Atonement* será possivelmente lembrado no futuro como o primeiro e grande, “nos dois sentidos do termo”, romance do século XXI.

Atonement traz a história de uma garota chamada Briony Tallis, de apenas doze anos de idade, que acredita que compreende o mundo a sua volta, apesar de sua pouca idade, mas que, na verdade, mostra-se totalmente equivocada. Ela é uma jovem cheia de imaginações, que com sua inocência de garota, e totalmente incapacitada de compreender o mundo adulto a sua volta, precipita uma terrível situação, que eventualmente mudará por completo a vida das pessoas que ela ama. Quando se dá conta do erro que cometeu, Briony passa o resto da vida reparar sua ação, embora não seja mais possível.

Em *Atonement*, embora a narrativa se desenvolva em meio aos horrores de uma falsa acusação e da Segunda Guerra Mundial, não encontramos os elementos macabros que marcaram as primeiras produções do escritor Ian McEwan. Percebe-se, assim, mudanças no estilo e na representação literária de Ian McEwan ao longo das décadas.

Hoje, McEwan, já caminhando para os setenta anos de idade, desfruta de boas ideias para novos trabalhos. Ainda de acordo com suas entrevistas, o mesmo não pretende parar de escrever suas produções ficcionais. Diz-nos Nobre (2013, p. 19): “A magnífica produção literária, a consagração do público e a unânime aclamação da crítica testificam a envergadura adquirida pelo escritor na sua trajetória profissional”.

De fato, lendo as histórias de McEwan, podemos perceber a importância de pararmos para refletir acerca do incrível e misterioso poder que ele nos transmite em seus textos, aquele de ver as coisas para além de sua primeira aparência. Em um primeiro momento, os escritos de McEwan podem fazer com que os leitores tenham certo estranhamento ou choque. Porém, no final, o leitor pode destrinchar todo o quebra cabeça e alcançar o objetivo sugerido por ele em suas obras, fazendo assim com que percebamos o quão diferente é sua maneira de escrever; seus contos e romances estão encharcados, pois, de mistérios, imaginação e fabulação.

Seus contos, mais especificamente, estão repletos do elemento macabro. O conto “Borboletas”, por exemplo, traz uma narrativa em primeira pessoa, na qual uma garota inocente morre afogada em um canal poluído na cidade de Londres. O próprio narrador, que não é identificado no começo da narração, foi a última pessoa a ver a garota ainda com vida, e o mesmo vai ao encontro de seus pais para falar da última vez que a viu. No decorrer da história, o leitor percebe que o próprio narrador foi o responsável pela morte da jovem inocente, que fora enganada pela promessa de ver borboletas no fim do canal. No conto, temos os temas de pedofilia e abuso sexual, que nos permitem ver o quão desumano foi ele em enganar a garota dizendo que no canal tinha borboletas.

No conto “Prata da Casa”, acompanhamos a história de um adolescente virgem, que, pela primeira vez, junto a seu melhor amigo, vive uma aventura através da masturbação, sendo guiado através dos segredos da vida adulta, concretizando desejos sexuais através do próprio corpo. Este adolescente, porém, ainda tem um segredo a descobrir, um desafio ainda maior, que é o de descobrir o corpo de alguma garota. Para tanto, o mesmo manipula sua irmã mais nova, através de uma atuação de uma brincadeira infantil, a praticar sexo com ela. Novamente, vemos presente o tema de abuso/violência sexual, desta vez ainda mais chocante, por se desenvolver entre irmãos (o que caracteriza uma prática incestuosa) ainda bastante jovens.

Podemos perceber através dos contos de McEwan o quão macabro é (ou ao menos, já foi) sua forma de escrita, trazendo em seus contos histórias horrendas, que envolvem personagens manipuladores e situações de violência, abuso sexual e morte.

O escritor McEwan leva seus leitores a uma leitura cheia de descobertas, e tenebrosos segredos a serem desvendados, a cada escrito seu um novo mistério a desvendar, através de seus contos macabros e inusitados.

3 SOBRE O PORNOGRÁFICO E O ERÓTICO

A pornografia é a exposição de elementos obscenos, que se caracteriza sobremaneira através de imagens com sentidos pornográficos. De acordo com Dominique Maingueneau (2010), desde o século XIX, a pornografia é uma categoria que abarca diferentes tipos de produções midiáticas, a exemplo de livros, filmes, revistas, *websites*, entre outros. Nos dias atuais, a pornografia está conseguindo cada vez mais espaço no meio social, sendo repetidamente criada, distribuída e consumida.

Sabemos que a pornografia faz parte da experiência humana e está inserida nas fantasias e diversos processos imaginativos, estando também relacionada à proibição, ou seja, ainda é vista como um tabu para a sociedade. Segundo Duarte e Rohden (2016, para. 5), “todos os discursos e instâncias que se ocupam da sexualidade humana têm de lidar com uma ambivalência referente ao peso simbólico do sexo, que é simultaneamente visto como secreto, privado, tabu, mas, também, determinante e fundamental”.

Mesmo sendo vista como proibida (ou ao menos como marginal), a pornografia tem um papel fundamental na vida humana, pois está construindo espaços no mundo e ganhando forças nas mídias sociais, no universo digital e se propagando através de conteúdos audiovisuais. Conforme Marckinnon (*apud* BERCHT, 2016, p. 15), os elementos vinculados

pela pornografia passam a ser tratados em termos de conteúdos: são mensagens que veiculam emoções e pontos de vista.

Sabemos que o mercado pornográfico tem crescido cada vez mais devido a seu forte impulso no mundo digital, onde *websites* cada vez mais vendem seus produtos pornográficos, além de satisfazerem as necessidades passageiras humanas. Também podemos fazer referência às revistas e outros produtos midiáticos que fazem enorme sucesso na contemporaneidade, ao exporem imagens pornográficas que comumente destacam a imagem feminina como objeto de desejo e atração sexual – por vezes, passando a noção de que a mulher tem o papel de satisfazer as necessidades sexuais masculinas.

De acordo com Dominique Maingueneau (2010, p. 15), o termo pornográfico é visto como uma categoria de análise que está submetida às mesmas exigências categóricas que categorias como “fantástico, lírico ou policial”. A literatura pornográfica ocupa um importante filão no mercado da pornografia, rivalizando com outros produtos midiáticos que já citamos acima. Nesta literatura, vemos representadas as mais diversas práticas e relações sexuais, por vezes com um grande detalhamento, e de forma bastante explícita, a fim de despertar a excitação sexual em seus leitores.

Embora tenhamos uma cena de prática sexual, embora bastante deturpada, no final do conto “Pornografia”, defendemos que o dado pornográfico nesta narrativa de McEwan não dialoga com a tradição literária que busca despertar a excitação sexual no leitor. Por outro lado, esta cena macabra, que será objeto de nossa análise logo a seguir, desperta estranhamento e aflição no leitor. Nesta narrativa, pois, percebemos que a noção tradicional de pornografia (ideia proveniente da indústria pornográfica), embora presente, torna-se um aspecto secundário, quando pensamos que o grande foco das atenções são as relações desenvolvidas entre os personagens – relações estas que entendemos metaforicamente como pornográficas. Para que possamos chamar tais relações de pornográficas, apresentaremos um paralelo entre os conceitos de pornografia e erotismo, afim de melhor analisarmos as interações entre os personagens, ou seja, as formas como eles se tratam e como se relacionam uns com os outros.

De acordo com Dominique Maingueneau (2010, p. 31):

A distinção entre pornografia e erotismo é atravessada por uma série de oposições, tanto nas afirmativas espontâneas quanto nas argumentações elaboradas: direto vs. indireto, masculino vs. feminino, selvagem vs. civilizado, grosseiro vs. refinado, baixo vs. alto, prosaico vs. poético, quantidade vs. qualidade, chavão vs. criatividade, massa vs. elite, comercial vs. artístico, fácil vs. difícil, banal vs. original, unívoco vs. plurívoco, matéria vs. espírito etc.

Pelas diferentes posições apontadas como relativas ao pornográfico e ao erótico, podemos perceber que o pornográfico lida com muitas características que podemos associar aos personagens do conto “Pornografia”, especialmente quando pensando no protagonista da narrativa, O’Byrne.

No âmbito das relações interpessoais, porém, mais produtiva é a distinção proposta pela escritora estadunidense Audre Lorde (2015). Para Lorde, que fala de um ponto de vista articulado às propostas do feminismo radical,

O erótico tem sido frequentemente difamado pelos homens, e usado contra as mulheres. Tem sido tomado como uma sensação confusa, trivial, psicótica e plastificada. É por isso que temos muitas vezes nos afastado da exploração e consideração do erótico como uma fonte de poder e informação, confundindo isso com seu oposto, o pornográfico. Mas a pornografia é uma negação direta do poder do erótico, uma vez que representa a supressão do sentimento verdadeiro. A pornografia enfatiza a sensação sem sentimento (LORDE, 2015, para. 4).

Embora não consigamos perceber como a intenção de McEwan desenvolver uma crítica de gênero – até mesmo porque defendemos que tanto as personagens femininas quanto as masculinas agem de forma pornográfica –, acreditamos que a distinção de Lorde é especialmente relevante para analisarmos as relações entre os personagens presentes no conto.

Lorde (2015, para. 9) aponta que o termo erótico vem do grego *eros*, significando a personificação do amor em todos seus aspectos – nascido do Caos, e personificando o poder criativo e a harmonia. Para a escritora, o erótico deve ser perseguido em todos os aspectos e em todos os momentos de nossa vida: o prazer, comumente associado à atividade sexual, pode ser estendido para as nossas outras atividades. Ler literatura (de qualquer tipo) pode ser uma atividade substancialmente erótica, pois é prazerosa.

Por outro lado, a pornografia, como oposta ao erotismo, significa “o abuso do sentimento” (LORDE, 2015, para. 19). De acordo com Lorde (2015, para. 20): “Se recusamos a consciência do que estamos sempre sentindo, por mais confortável que isso possa parecer, estamos nos privando de parte da experiência, e nos permitindo ser reduzidas ao pornográfico, ao abusado, ao absurdo”.

Pelo exposto, entendemos como eróticas as relações interpessoais (também entre personagens de textos literários) em que prevaleçam atitudes e sentimentos de “gentileza, partilha, entendimento, tolerância, respeito e sensibilidade” (AZERÊDO, 2013, p. 50). No polo oposto, como pornográficas, entendemos as relações que estão calcadas em sentimentos e atitudes que envolvem “frieza, indiferença, arrogância, violência e crueldade” (AZERÊDO,

2013, p. 50). E é com este entendimento que partimos para a análise do conto “Pornografia”, de Ian McEwan.

4 RELAÇÕES PORNOGRÁFICAS EM “PORNOGRAFIA”

O próprio título do conto a ser analisado, “Pornografia”, já nos permite antever o quão importante é a questão pornográfica para o entendimento desta narrativa. Sabemos que a palavra pornografia pode ter significados, e que estes significados estão relacionados a uma esfera de concretização, pois, como diz Maingueneau (2010, p. 51), “a pornografia não é ilustração do desejo, mas de sua resolução”.

Em seu sentido mais denotativo (aquele da indústria pornográfica), a pornografia é perceptível no conto de McEwan a partir da representação do espaço, uma vez que O’Byrne trabalha na loja de seu irmão, especializada em artigos de ordem sexual. Ainda no início da narrativa, lemos a seguinte descrição:

Uma mulher gorducha, cinquentona, estava postada na frente de uma cortina de banheiro, nua, exceto pelas calcinhas e por uma máscara contra gases. Suas mãos pendiam moles ao lado, numa delas o cigarro ardia. Esposa do Mês. Desde as máscaras de gás e um lençol grosso de borracha na cama, escreveu JN de Andover, a gente nunca mais perdeu o tesão (McEWAN, 1998, p. 174).

Como podemos ver, a figura da mulher é tratada como objeto sexual, como sinônimo de fetiche, tal como descrita na revista. Nesse sentido, é interessante perceber a relação entre pornografia e fetiche.

Andrade (1992, p. 13) afirma que o fetiche seria um encaixe de perversões. Continua o estudioso:

O fetiche está para a perversão assim como o sintoma está para a neurose. Nunca presente como “excluído”, mas pelo contrário, “oferecido ao uso”, recebido como aquilo que faz a lei. E á medida que ele “faz a lei”, ele realiza não o recalque, mas o desmentido de castração e do significante do desejo. É o processo característico da perversão. Digamos que desmentir é a recusa em outorgar certo sentido a um fenômeno que objetivamente tem sentido. O fenômeno é rebaixado ao não-senso. Mas pelo desmentido o sujeito supõe o sentido que ele se recusa a reconhecer. É exatamente isso que acontece com o fetiche (ANDRADE, 1992, p. 13).

Diante disso, percebemos o quão desagradável é a forma através da qual mulher é descrita, sendo muitas vezes tratadas pelos homens como seres descartáveis, como objetos de

ordem sexual. O'Byrne, de certo modo, acaba cometendo isso em relação às mulheres com quem se relaciona: Pauline e Lucy.

Ainda em relação a esta revista pornográfica, lemos:

Virou ritmadamente as páginas da revista, parando para ler as cartas. Um homem virgem que ia fazer quarenta e dois anos no próximo maio, não-circuncidado, carente de higiene, não ousava arregaçar mais o prepúcio com medo do que poderia ver. Tenho pesadelos com vermes. O'Byrne riu e cruzou as pernas (McEWAN, 1998, p. 174).

Levando em conta estas duas citações do conto, podemos perceber que a pornografia se dá em seu sentido mais literal, a partir de uma revista que é parte da indústria pornográfica. Por outro lado, a pornografia ocorre também em um nível de relações interpessoais, caracterizadas por sentimentos e atitudes de desrespeito e de falta de compaixão, como age O'Byrne em relação à mulher fetichizada e ao homem com receio de ver seu próprio órgão sexual.

Podemos começar falando das relações pornográficas entre os personagens a partir de O'Byrne e Harold, seu irmão. Ambos os personagens se relacionam com total desrespeito um com outro, como pode ser visto através da narração em terceira pessoa: “Antes de tornar-se seu empregado, O'Byrne costumava chamá-lo de Nanico” (McEWAN, 1998, p. 173), onde é possível perceber que o mesmo não gostava de seu irmão, e o tratava com este desagradável apelido. Por sua vez, Harold o tratava com cruéis ironias: “– Então – disse Harold com um desagradável desdém –, o irmão pródigo...” (McEWAN, 1998, p. 173).

Através da fala dos mesmos, consideramos que os irmãos não mantinham uma relação saudável, pois era baseada em um desrespeito mútuo. Além da troca de ironias, do desprezo e da falta de empatia pelo próximo, o que fica realmente marcada é a desunião entre estes personagens. Como irmãos, espanta o fato de que quando O'Byrne fala para seu irmão Harold que está com gonorreia, esse demonstra sinais de satisfação por causa da doença de seu irmão, não pedindo mais detalhes a O'Byrne sobre sua condição e sobre o andamento do tratamento para a doença sexual transmissível:

– Eu tinha um compromisso, não tinha – disse ele em voz baixa. – Estou com gonorreia.
Harold ficou satisfeito. Estendeu o braço para cima e deu um soco de brincadeira no ombro de O'Byrne.
– Bem feito – disse ele, casquinando de forma teatral. Mais um freguês saiu devagarinho da loja. Da porta, Harold gritou: – Voltarei às cinco (McEWAN, 1998, p. 173-174).

É relevante destacar que o mesmo não consegue se colocar no lugar do irmão, nem no momento em que descobre a doença de O'Byrne, não demonstrando sinal algum de empatia por ele. Conforme Abbagnano (1998, p. 333), a empatia é uma união ou fusão com outros seres e objetos, podendo ser considerada como uma experiência indireta de uma emoção próxima à emoção vivida por outra pessoa. Pelo contrário, Harold demonstra total satisfação em saber que seu irmão está com gonorreia.

É possível ainda perceber que o desrespeito e falta de empatia, no conto, não estão somente relacionadas a O'Byrne e Harold. Mais relevante ainda é a forma com que O'Byrne se relaciona com Lucy e Pauline, respectivamente uma enfermeira e uma assistente de enfermagem, que trabalham no mesmo hospital. Percebemos isso quando o mesmo liga para o hospital e pede para falar com Lucy, mas a mesma está ocupada e não pode atender o telefone; não perdendo tempo, deixa um recado, desmarcando o encontro, e já pede para falar com Pauline: “– Andei telefonando para você a manhã inteira – disse [Pauline]. – Seu irmão não lhe contou? – Escuta – disse O'Byrne – estarei na sua casa lá pelas oito – e recolocou o fone no gancho” (McEWAN, 1998, p. 175), sem ao menos dar oportunidade a Pauline de se pronunciar e dizer se ele poderia ir ou não a sua casa. É possível perceber o quão autocentrado O'Byrne é, procurando Lucy e Pauline quando lhe for conveniente. Falta-lhe, pois, um sentimento de alteridade, a capacidade de ser outro, pôr-se no lugar do outro.

Mesmo tendo combinado com Pauline, O'Byrne foi a um bar com seu irmão e alguns amigos. Depois que saiu do bar, achando que tinha impressionado seu irmão através da sugestão de suas proezas sexuais, o mesmo vai até Pauline. Apesar de ter marcado de ir às oito, O'Byrne só chega lá depois das dez, bêbado e necessitando de um banho. Novamente ele repete a cena de desrespeito com Pauline, por chegar atrasado no encontro e ainda por cima bêbado e fedendo, fazendo com que a mesma passasse por um constrangimento pelo simples fato da comida já ter estragado. Pauline, de toda forma, resolve sair para comprar comida para o sujeito; pela demora, O'Byrne resolve ir embora sem dar satisfação alguma: “Desceu correndo a escada, ansioso por não encontrá-la, agora que resolvera ir embora. Mas lá estava ela. No meio do segundo lance, um pouquinho sem folego, com os braços cheios de garrafas e embrulhos de papel de alumínio” (McEWAN, 1998, p. 177).

Em termos de personalidade, Lucy é diferente de Pauline. Ao ir visitá-la, Lucy questiona O'Byrne sobre sua ausência e falta de notícias. Sexualmente, Lucy mostrou-se bastante dominadora, comandando de fato a prática sexual. Diante disso, podemos ver que as relações que ele mantinha com cada uma das personagens eram bem diferentes: com Pauline, O'Byrne podia agir da forma como bem desejasse; com Lucy, porém, mulher forte e

dominadora, que comandava os jogos sexuais, O'Byrne sentiu-se estranhamente atraído pela posição de passividade que precisava assumir, confirmando assim um fetiche.

Em comum a ambas as personagens, há o fato de que O'Byrne sumiu mais uma vez, sem responder aos telefonemas e sem ter dado qualquer justificativa, a fim de passar por um tratamento para a gonorreia. Também em comum, há o fato de que O'Byrne infectou Lucy e Pauline com a doença sexualmente transmissível, não tendo tomando cuidados durante as relações sexuais, mesmo sabendo de sua condição. Nesse meio tempo, Lucy e Pauline acabaram descobrindo as atitudes de O'Byrne, e resolveram vingar-se do personagem.

Antes disso, porém, é importante chamar a atenção para uma importante cena no conto, quando O'Byrne visita um armazém de produtos pornográficos, localizado em uma antiga igreja, a fim de resgatar uma encomenda para a loja de Harold. Lemos:

O'Byrne encolheu os ombros e seguiu-o. Foram caminhando juntos pelas longas passagens entre as prateleiras de aço aparafusadas, o velho empurrando um grande carrinho e O'Byrne caminhando um pouco adiante com as mãos atrás das costas. A cada poucos metros, o homem do depósito parava, e com um ofegante mau humor levantava espessas pilhas de revistas das prateleiras. A carga no carrinho ia crescendo. A respiração do velho ecoava roucamente pela igreja. No final da primeira passagem, ele se sentou no carrinho, no meio de suas bem-feitas pilhas, e tossiu e escarrou durante cerca de um minuto num lenço de papel. Em seguida, dobrando cuidadosamente o lenço com seu notável conteúdo esverdeado e guardando-o no bolso, ele disse a O'Byrne:

– Olhe, você é jovem. Empurre esse troço.

– Empurre essa porra você mesmo – respondeu O'Byrne –, é seu trabalho – e ofereceu um cigarro ao homem, acendendo-o para ele (McEWAN, 1998, p. 182).

Mais uma vez, temos uma prova do quão autocentrado O'Byrne pode ser: além de negar assistência a um velho, usando palavras de baixo calão, ainda ofereceu um cigarro para um homem que claramente sofre de algum mal em seu sistema respiratório. É, afinal, um sujeito que não consegue conceber o mundo para além de si mesmo, que só leva em conta seus próprios desejos, agindo de forma pornográfica para com todos a seu redor.

Como afirmamos anteriormente, as relações pornográficas entre O'Byrne e Harold se desenvolvem em uma via de mão dupla. De forma similar, argumentamos que Lucy e Pauline, quando resolvem levar a cabo seu plano de vingança, também agem de forma pornográfica em relação a O'Byrne. No plano, Lucy demonstra total felicidade ao receber O'Byrne após seu longo sumiço; este, em um momento de ápice alcóolico, ainda a diz “Eu te amo” (McEWAN, 1998, p. 188), o que configura uma clara contradição com todas suas ações anteriores. Diz-lhe Lucy: “Tenho uma surpresinha especial para você... nada de faniquitos”

(McEWAN, 1998, p. 189), levando-o logo em seguida para sua cama, onde amarra os membros superiores e inferiores de O'Byrne com correias de couro.

A promessa de uma aventura sexual logo é quebrada com a chegada de Pauline. Completamente imóvel, O'Byrne viu com terror a sequência de ações realizadas por Lucy e Pauline, assumindo sua função de enfermeiras prestes a realizar uma operação cirúrgica. De fato, as personagens dispunham de materiais como esterilizador, instrumentos cirúrgicos, seringas etc. Como vingança pelas mentiras e pela transmissão da gonorreia, Lucy e Pauline resolveram castrar O'Byrne:

Lucy bateu no esterilizador e disse para Pauline:

– Ainda levará alguns minutos. Vamos nos desinfetar na cozinha.

O'Byrne tentou levantar a cabeça.

– Onde vão? – gritou atrás delas. – Pauline... Pauline.

Porém Pauline nada mais tinha a dizer. Lucy parou na porta do quarto e sorriu para ele.

– Deixaremos você com um belo cotoquinho como recordação da gente – disse e fechou a porta (McEWAN, 1998, p. 192).

O fato de Lucy e Pauline usarem suas habilidades médicas (em uma clara contradição a seu propósito inicial), em uma vingança meticulosamente calculada, demonstra também toda a pornografia envolvida nesta ação. O choque é ainda maior por tratar-se de duas personagens da área da saúde, responsáveis por manter a vida em perfeito estado e zelar por todos: nesse momento elas desprezam seu lado profissional, e se autodeterminam a cometer a vingança.

O maior choque que o leitor de McEwan sofre, porém, tem a ver com o fato de que O'Byrne, em meio ao terror de sua situação, também se sente substancialmente excitado: “Apesar do pavor, O'Byrne sentiu-se novamente excitado, horrorizada excitação. Ajeitaram a mesinha próxima da cama. Lucy abaixou-se bem por cima de sua ereção. – Ah, meu Deus... meu Deus – murmurou ela” (McEWAN, 1998, p. 193). Toda esta situação macabra chega ao ápice no final da narrativa, quando O'Byrne consegue libertar-se de uma das correias. Lê-se:

Mas, quando ela esticou o braço para pegar o algodão, o braço de O'Byrne se libertou da peia. Lucy deu um sorriso. Pôs de lado a hipodérmica. Inclinou-se mais uma vez para a frente... quente, perfumada... fitava-o com olhos injetados, ensandecidos... seus dedos a brincar com a ponta dele... mantendo-o imobilizado entre os dedos. – Recoste-se, Michael querido. – E fazendo um gesto brusco de cabeça para Pauline: – Se puder atar esta correia, enfermeira Shepherd, acho que poderemos começar (McEWAN, 1998, p. 193).

Com este final em aberto, não temos a certeza se o procedimento cirúrgico chegou ao fim. De qualquer forma, seguimos Maingueneau (2010, p. 63), quando este afirma:

Traço revelador: os personagens dos relatos pornográficos raramente dispõem de um nome completo (nome e sobrenome), que os inscreveriam com precisão no espaço social. Geralmente eles se contentam com o prenome (“Justine”, “Madalena”), com uma letra inicial (“O”), com um nome fantasia sexualmente motivado (“João Pauzão”), com um apelido (“Lu”), até mesmo com um pronome (“ele”).

A descoberta dos nomes completos, “Michael O’Byrne” e “Pauline Shepherd” desnuda por completo o fato de que todos os personagens estão envolvidos em situações substancialmente pornográficas, marcadas por mentiras, doenças sexualmente transmissíveis e um total desrespeito à pessoa do outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos este trabalho, foi necessário pesquisar acerca do conceito pornografia, além de qual a relação da pornografia com o erotismo, a fim de propormos uma análise das relações pornográficas entre os personagens no conto “Pornografia”, do escritor inglês contemporâneo Ian McEwan.

Ao analisar o conto, foi possível entender e perceber como era de fato a relação entre os personagens O’Byrne, Harold, Pauline e Lucy – relações essas que eram desconfortáveis, desequilibradas, sem haver um cuidado consigo mesmo e com o outro.

Acreditamos que McEwan, neste conto, desenvolve uma substancial crítica social, ao representar personagens masculinos egoístas e autocentrados, além de personagens mulheres que, deixando-se levar pelo desejo de vingança, chegaram a uma situação extrema, que contradiz diretamente tudo aquilo que devem desenvolver em seus cuidados como profissionais de saúde.

Por fim, pesquisar e analisar a pornografia foi de fato importante, pois percebemos as diferentes nuances e os diferentes níveis de significado deste termo na narrativa de McEwan. Nesta mesma empreitada, pudemos também avaliar as fortes marcas macabras dos escritos de McEwan, capazes de criar diversos efeitos em seus leitores: no conto “Pornografia”, temos um claro exemplo do que pode acontecer quando não estamos dispostos a partilhar vivências e experiências com os outros de forma saudável e equilibrada; quando deixamos, em outras palavras, o pornográfico, e não o erótico, guiar nossas ações e relações.

PORNOGRAPHIC RELATIONS IN A SHORT STORY BY IAN McEWAN

ABSTRACT

This paper aims to discuss the pornographic relations in “Pornography”, a short story by contemporary English author Ian McEwan. In this narrative, even though the traditional notion of pornography (that comes from the pornographic industry) can be found, it becomes a secondary aspect in face of the development of relations, among the characters of the narrative, that we understand as metaphorically pornographic – relations that take place among O’Byrne, Harold, Pauline and Lucy. In this sense, we will develop a parallel between the concepts of pornography and eroticism, in order to analyze the characters’ interactions – how they treat and how they relate to each other. We conclude that the characters develop pornographic relations, for they are guided by a complete lack of care and attention for the other; in other words, there lacks a sense of empathy and otherness. This analysis is supported especially in the discussions of Maingueneau (2010), Lorde (2015), Nobre (2013), among others.

Keywords: Pornography. Eroticism. Ian McEwan.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. F. G. Estrutura e perversão. 1992. Disponível em: http://escolafreudianajp.org/trabalhos/Estrutura_e_perversão.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2017.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AZERÊDO, Genilda. Affective (mis)encounters in “The Doll’s House” (a discussion of Katherine Mansfield’s short story). *Ilha do Desterro*. Florianópolis, n. 65, p. 49-62, 2013.

BERCHT, Gabriela. *Pornografia e atos de fala: o debate entre Judith Butler e Catharine MacKinnon*. Porto Alegre. 2016. 61 f. Monografia (Graduação em Filosofia) - Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COOK, Jon; GROES, Sebastian; SAGE, Victor. Journey without maps: an interview with Ian McEwan. In: GROES, Sebastian (org.). *Ian McEwan*. 2. ed. London: Bloomsbury, 2013, p. 144-155.

DUARTE, Larissa Costa; ROHDEN, Fabiola. Entre o obsceno e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 715-737, 2016.

LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. Trad. Tatiana Nascimento dos Santos. 2015. Disponível em: <https://cadernetafeminista.wordpress.com/2015/07/09/os-usos-do-erotico-o-erotico-como-poder-por-audre-lorde/>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

McEWAN, Ian. Pornografia. In: _____. *Primeiro amor, últimos sacramentos & Entre lençóis*. Trad. Roberto Grey. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 173-193.

NOBRE, Lucia Fatima Fernandes. *Jogo de espelhos em Atonement: trajetórias e implicações da metaficcionalidade no romance e no filme*. 2013. 322 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.